



A influência do espiritualismo eclético para a filosofia no Brasil.

Marco A. Barroso

Graduado em Filosofia - UFJF

Mestrando em Ciência da Religião – PPCIR/UFJF

Membro do Núcleo de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos – UFJF

marcoabarroso@yahoo.com.br

É na pesquisa das raízes da formação intelectual de um povo que podemos descobrir o porque de seu comportamento na atualidade. Igualmente podemos, aí, desvendar as soluções de vários de seus problemas e possíveis aptidões. Pois, assim como os indivíduos, os povos tem seus traumas e suas crenças, que são sedimentadas em seu passado e formam as suas estruturas. Conhecendo estas crenças poderemos buscar, intrinsecamente a elas, modos de agir que se apresentarão como formas mais efetivas na condução deste mesmo povo. Também é pelo estudo da construção de nosso passado, como sociedade em comum, que teremos a verdadeira dimensão da noção de povo. Pela reconstrução de passado poderemos afirmar nossa independência cultural, frente às demais nações, impondo de forma pacífica nossa soberania. Todavia este tipo de estudo - o da filosofia de caráter nacional - , ficou, por longo intervalo de tempo, esquecido no Brasil. Durante o período militar a filosofia, como disciplina, foi ignorada nas escolas. Nos grandes centros universitários incentivou-se a criação de programas de

pós-graduação de lógica e filosofia analítica. Disciplinas que na hora de aplicação aos problemas de caráter prático (moral) da nação silenciaram. A definição de um possível marco epistemológico que permitisse o estudo sistematizado da filosofia nacional, e com ele o estudo das respostas dadas aos problemas surgidos localmente, foi quase esquecido, não fosse a luta contra a maré de bravos pesquisadores como: Luis Washington Vita, Miguel Reale, Antonio Paim, Ricardo Vélez Rodríguez, Leonardo Prota, entre outros. Estes pesquisadores insistiram em trazer a público a importância, já citada, do estudo das filosofias nacionais. Possibilitaram que este pensamento chegasse às novas gerações, que núcleos de estudo do pensamento nacional ou ibérico e ibero-americano surgissem, e com eles novos ares para a pesquisa da filosofia no Brasil.

A proposta deste estudo é de divulgar a importância e a influência das correntes de cunho espiritualista, principalmente a eclética, na filosofia brasileira. Pois como afirma Antonio Paim, o ecletismo espiritualista foi a primeira corrente estruturada no Brasil⁹⁴, e junto ao positivismo, pode ser considerado como uma espécie de etapa inicial da meditação filosófica nessas terras. Para uma exposição algo mais didática o texto será dividido em três partes. Em uma primeira parte será tratada a questão do método a ser aplicado no estudo; em um segundo passo estudaremos o espiritualismo de cunho eclético, suas origens, influências, correntes formadas no Brasil e pensadores surgidos no século XIX, e, por último, uma pequena conclusão sobre as conseqüências do pensamento eclético para a filosofia no Brasil.

METODOLOGIA DE ESTUDO

Temos que a questão das filosofias nacionais, principalmente o problema da filosofia Brasileira, tem sido discutida intensamente pela corrente filosófica do culturalismo, notadamente por Miguel Reale, Antonio Paim, Ricardo Vélez Rodríguez, Leonardo Prota entre outros, e é por este tipo de abordagem que optamos em nosso estudo, pois ele favorece à compreensão do tipo de estudo ao

94 Antonio PAIM. *História das idéias filosóficas no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1967, p.75.

qual este texto se propõe. O culturalismo pode ser definido como

A escola neokantiana de Baden que defendia a mudança da característica homogênea e imutável das categorias kantianas, criando categorias mutáveis que nasceriam continuamente de acordo com os valores geográficos e históricos. Sob a influência de Heidegger e devido à nova noção de física colocaram em xeque a própria natureza apriorística do espaço e do tempo, os revelando como entidades que estão dentro do homem de forma dinâmica.⁹⁵

Partindo do pressuposto que as categorias são elementos dinâmicos os culturalistas propõem uma relação construtiva entre estas e o meio cultural. Encarada desta forma a categoria da universalidade, exigida às filosofias, “não é de uma perspectiva filosófica, detentora da verdade universal, mas da possibilidade contínua do homem reler seus fundamentos, [...] propondo mudanças e construindo novos paradigmas. A universalidade não é da pergunta, pois esta é mutável de acordo com a história, mas da possibilidade de fazê-la.”⁹⁶. Portanto, a originalidade advém de uma discussão gerada no seio de um grupo cultural, e da necessidade questionadora desse grupo e do desenvolvimento do poder de criação filosófica de cada pessoa. A filosofia é própria quando não é cópia, mas quando é um projeto de criação cultural autêntica, pertencente ao íntimo do homem que a pensa, em suas conjecturas culturais e lingüísticas.

Para Antonio Paim os sistemas nascem da necessidade de fundamentar um mundo que a experiência torna fenomênico, e do compromisso com a verdade, mas a história da filosofia veio nos mostrar que o processo de criação filosófica não se restringe apenas a esses, que outras formas de explicar o mundo existem e precisam ser consideradas⁹⁷. Seriam estas outras formas as perspectivas e os problemas. As perspectivas correspondem a uma visão irreduzível da realidade, cujos dois grandes exemplos seriam as perspectiva platônica e kantiana, e a opção

95 TONDINELLI, Tiago. “A questão jurídica no pensamento de Leonardo Prota.” *Disputationes*, v2, n2. Apucarana: FACNOPAR, 2005, p.404.

96 TONDINELLI. “A questão jurídica no pensamento de Leonardo Prota”, p. 404-5.

97 CARVALHO, José Maurício de. *Curso de introdução a filosofia brasileira*. Londrina: CEFIL: UEL, 2000, p.1-2.

por uma delas superaria as estruturas racionais, sendo os sistemas um esforço para estruturar a totalidade do saber sob uma perspectiva.⁹⁸ “Antonio Paim considera, porém, que os sistemas são formas passageiras, ficando os problemas que as animem, sendo que: “Os problemas emergem do curso histórico concreto e estão relacionados aos desafios que cada tempo impõe ao homem e tem a duração maior que os sistemas, (...). É como reflexão em torno dos problemas que a meditação filosófica mostra-se a realização de um processo, continuando pelo tempo.”⁹⁹

Ao falarmos de filosofias nacionais não estamos, portanto, falando de um pensamento que sirva apenas a um povo, nada seria mais contrário à filosofia. Como afirma José Maurício de Carvalho, em seu livro *Curso de Introdução à Filosofia Brasileira*: “A filosofia tem em suas raízes a pretensão de ser um saber universal (...). No entanto, pela preferência que dá a determinados problemas, em virtude de certa sensibilidade a eles, desenvolvem-se as filosofias nacionais.”¹⁰⁰ . Sendo o supra escrito retrato claro do pensamento culturalista exposto anteriormente.

Encontramos, ainda, em *Tópicos Especiais de Filosofia Moderna*¹⁰¹, do professor Ricardo Vélez Rodríguez, citação a Eduardo A. Soveral que traça baseado em análise fenomenológica o que, no entendimento desse, deve ser as linhas mestras na busca de uma metodologia filosófica para o estudo das filosofias nacionais. Vejamos, pois quais são:

- (a) Determinação de filosofemas; (b) estudo da formação histórica desses problemas; (c) determinação do desenvolvimento lógico historicamente dado a este problema; (d) consideração do desenvolvimento histórico dado à vigência dessas soluções nos vários contextos sociais; (e) apreensão das novidades que implicam a formação de novos filosofemas e/ou a reformulação dos já existentes; (f) explicação das articulações que determinam os novos filosofemas ou sua reformulação; (g) determinação

98 CARVALHO. *Curso de introdução a filosofia brasileira*, p.2.

99 CARVALHO. *Curso de introdução a filosofia brasileira*, p.2.

100 CARVALHO. *Curso de introdução a filosofia brasileira*, p.2.

101 VELÉZ RODRÍGUEZ, Ricardo. *Tópicos especiais de filosofia moderna*. Juiz de Fora: EDUFJ; Londrina: UEL, 1995, p12.

dos novos filosofemas e/ou suas modificações.

ESPIRITUALISMO ECLÉTICO NO BRASIL.

Neste tópico pretende-se abordar a formação e a influência do espiritualismo eclético no Brasil do século XIX. Para tanto será usado como mapa que guiará esta caminhada o livro *História das Idéias Filosóficas no Brasil*, do pensador e historiador da idéias Antonio Paim¹⁰². A escolha da obra deu-se pela reconhecida importância a ela atribuída nos meios de estudo da historiografia filosófica brasileira, obra primária e fundamental àqueles que desejam ingressar pelos caminhos do pensamento nacional. O livro de Antonio Paim traz um estudo crítico que procura demonstrar, através da metodologia já apresentada, o “nascimento” da cultura filosófica no Brasil. Passando da segunda escolástica portuguesa ao século XX, a obra procura esclarecer como as filosofias surgidas no velho mundo se adaptaram à cultura brasileira. Para isto, Paim, faz um relato minucioso de como os pensamentos estudados em seu livro apareceram em seu contexto original, em seguida explicando os motivos de sua incorporação ao arcabouço intelectual brasileiro. Através da exposição da situação sócio-cultural e política pela qual passava o Brasil no determinado momento em que uma filosofia aportava em suas terras, o citado autor, desfaz o emaranhado das raízes do pensamento brasileiro. Ao mesmo tempo, seguindo esta lógica, Antonio Paim, demonstra que o pensamento filosófico aqui surgido não é mera cópia do pensamento europeu. Que ele possui a originalidade interpretativa e a aceitação “crítica” de um determinado momento histórico do povo brasileiro.

Destarte, nos fixaremos no capítulo segundo do livro *História das Idéias Filosóficas no Brasil*, capítulo dedicado ao ecletismo espiritualista, seu surgimento e a vertente psicologista que predominou como filosofia no segundo império. Para maior proveito de estudo, o texto se restringirá aos itens 2 (formação da corrente eclética), 3 (a vertente psicológica) e 5 (balanço do ecletismo). O privilégio concedido ao estudo destes capítulos se deve ao fato de que neles se concentram a

102PAIM, Antonio, *História das idéias filosóficas no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1967.

descrição e a crítica do espiritualismo, propriamente dito, em sua vertente eclética¹⁰³, surgida na França da primeira metade do século XIX e aportada no Brasil neste mesmo período.

“A corrente eclética representa o primeiro movimento filosófico plenamente estruturado no Brasil.”¹⁰⁴ Não se tratando de mera cópia do ecletismo francês esta corrente procurava reunir em um bloco compacto, de teoria, as variantes doutrinárias já incorporadas à tradição cultural brasileira. Os pensadores desse momento desejavam, de alguma forma, conciliar os valores tradicionalistas, já enraizados, com o anseio de modernidade também presentes à época. Aludiam adotar os princípios liberais econômicos e político e ao, mesmo tempo, se esforçavam para conservar a unidade nacional. Empenhavam-se em, partindo da precariedade de condições, dotar o país de instituições modernizadas. A adoção do empirismo, liberal, clássico inglês levaria a necessidade da adoção de princípios políticos-econômicos rígidos a ele atrelado, contrários à tradição conservadora, ainda alimentada pelos moldes canônicos da igreja católica. O país, recém independente, necessitava urgentemente de uma estrutura administrativa, e intelectual, que se adequasse a suas características. Para alcançar os ideais almejados a adesão à filosofia eclética espiritualista de Victor Cousin (1792-1867), professor de filosofia da Escola Normal Superior de Paris, parecia a saída mais propícia.¹⁰⁵ Segundo Antonio Paim

Cousin não chegou propriamente à elaboração de uma doutrina sólida, apta a contrapor-se a filosofia do século XIII. Era mais orador e político que filósofo, qualidades que lhe permitiram granjear estrepitosas vitórias para o espiritualismo racionalista. (...). No pensamento de Cousin cumpre distinguir três aspectos, nem sempre homogêneos e às vezes até contraditórios, sem o que não se poderia aprender o destino histórico de

103O espiritualismo pode ser dividido, a grosso modo, em três representações históricas diferentes, na modernidade. O espiritualismo eclético, surgido na primeira metade do século XIX, o espiritualismo, propriamente dito, ou psicologista, na segunda metade do século XIX e o espiritualismo vitalista-evolucionista, surgido com Henri Bergson entre o fim do século XIX e o início do século XX.

104PAIM. *História das idéias filosóficas no Brasil*, p. 75.

105PAIM. *História das idéias filosóficas no Brasil*, p. 76.

seus ensinamentos quando transplantados para solo brasileiro. Poderiam ser formulados do seguinte modo: 1) ecletismo como método (historicismo); 2) o método psicológico elevado à condição de fundamento último da filosofia; 3) o espiritualismo. Ao longo de sua vida, Cousin apoiou-se alternativamente em qualquer dessas pilstras, o que permitiu a seus discípulos brasileiros empreender interpretações autônomas e até critica-lo com argumentos do arsenal por ele mesmo mobilizado.¹⁰⁶

A filosofia de Cousin incorpora em seu seio fundamentos da filosofia alemã, mais propriamente do hegelianismo. Outro importante representante do espiritualismo francês, que influenciou de modo substancial o pensamento brasileiro foi Royer-Collard (1763-1843), católico de origem jansenista, assim como Pascal, foi vulgarizador da escola *escocesa do senso comum*. Mais um orador inflamado e político de renome do que propriamente um filósofo, Royer-Collard, contribuiu para a divulgação do espiritualismo eclético, e sua “oficialização” como filosofia do estado francês na primeira metade do século XIX. Royer-Collard foi um dos principais responsáveis pela união das idéias espiritualistas às de cunho liberal¹⁰⁷. Todavia, mais importante pode ser considerado o François-Pierre-Gonthier Maine de Biran (1766-1824), considerado mestre de ambos pensadores citados acima, que em seu *Diário Íntimo*, obra publicada postumamente, pretendeu “encontrar um princípio único a partir do qual pudesse reconstruir toda metafísica”.¹⁰⁸ Sua filosofia consistia na busca de um meio termo entre o sensualismo e o racionalismo, que conseguisse superar ao exagero de ambos. O esforço, como resistência ao mundo exterior, é o fato primitivo do conhecimento humano. Revela o esforço voluntário, ao se opor à passividade sensível e ao inconsciente, a personalidade propriamente humana. A partir desta percepção originária progride a restante certeza da filosofia, fundando desta maneira seu espiritualismo sob base a-lógica. Ou seja, na filosofia de Biran encontram-se as

106PAIM. *História das idéias filosóficas no Brasil*, p. 76-7.

107Cf. BAECQUE, Antoine; MÉLONIO, Françoise. *Histoire culturelle de la France – vol. 3 Lumières et liberté – Les dix-huitième et dix-neuvième siècles*. Paris: Seuil, 1998, págs. 191-2, 195, 197-8.

108PAIM. *História das idéias filosóficas no Brasil*, p. 87.

bases de uma filosofia de cunho intuicionista.¹⁰⁹

É a filosofia de Maine Biran incorporada pelo psicologismo eclético de Victor Cousin que chega ao Brasil da primeira metade do século XIX. Segundo Antonio Paim, “o aspecto que mais lhes interessava de perto (na filosofia espiritualista) era justamente a possibilidade de superar a antítese, estabelecida pela Escolástica Portuguesa, entre a ciência moderna e cristianismo.”¹¹⁰ A corrente ecletista que mais parece ter influenciado e se difundido, portanto, no Brasil foi a psicológica. Conforme nos informa Ricardo Vélez Rodríguez

Os temas da consciência e da liberdade ocuparam o foco do debate filosófico que se efetivou no Brasil ao longo do século XIX. A partir das bases colocadas pela meditação de Silvestre Pinheiro Ferreira, os pensadores ecléticos procuraram dar uma resposta de caráter espiritualista à problemática do homem. Sem dúvida que os filósofos brasileiros deste período inspiraram-se no ecletismo espiritualista francês formulado por Maine de Biran (1766-1824) e divulgado por Victor Cousin (1792-1867), que permitiu superar o extremado sensismo de Condillac (1715-1780). Mas o pensamento dos primeiros reveste-se da originalidade que tinham as circunstâncias históricas do Brasil no século XIX, relacionadas com o problema da construção do sentimento de nação e com a organização do Estado.¹¹¹

As duas personalidades que mais se destacam em sua reflexão durante este período são Eduardo Ferreira França (1809-1857) e Domingos Gonçalves de Magalhães (1811-1882), outras duas figuras que também se destacaram, todavia com muito menor importância foram Salustiano José Pedrosa (falecido em 1858) e Antônio Pedro de Figueiredo (1814-1859), que traduziu ao português o *Curso de História da Filosofia Moderna* de Victor Cousin. Nos deteremos, portanto, prioritariamente, sobre o pensamento das duas personalidades primeiramente citadas.

109Filosofia esta que mais tarde terá seu desdobramento na obra de Henri Bergson

110PAIM. *História das idéias filosóficas no Brasil*, p. 90.

111VÉLEZ RODRIGUEZ, Ricardo. *A Filosofia brasileira, marco epistemológico para a gestão do conhecimento*.

Eduardo Ferreira França, nasceu em Salvador na Bahia, estudou na França entre os anos de 1825 e 1834, em 1828 já era bacharel em letras, ciências físicas e matemática. Em 1834 defende uma tese em medicina chamada *Essai sur l'influence des aliments et des boissons sur le moral de l'homme*. O objetivo principal de sua obra é demonstrar que, mesmo preservando a observação rigorosa, nos moldes da ciência moderna, é possível provar a existência do espírito. “Para Ferreira França, o estudo das sensações deve considerar não apenas o objeto exterior que é capaz de instigar a sensação, mas uma espécie de disposição instintiva.”¹¹² Tal disposição instintiva teria origem em um sentimento fundamental, que pode ser definido como um conjunto de experiências interiores, tais como fome, sede, dores etc., ou seja, todo um grupo de movimentos internos do organismo que atua sobre a consciência. No que se refere à sua posição política informa Vélez Rodríguez

A obra de Eduardo Ferreira França caracteriza-se por buscar uma fundamentação filosófica para o exercício da liberdade política. Apesar de ter formulado uma visão determinista do homem nos seus primeiros escritos, o seu pensamento evolui até uma concepção espiritualista na obra fundamental intitulada *Investigações de psicologia*, publicada em Paris em 1854. Sem abandonar a perspectiva empirista que tinha adotado desde o início da sua meditação filosófica, Ferreira França, graças à influência de Maine de Biran, consegue desenvolver o tema da introspecção, que lhe permitirá chegar, com o rigor da observação empírica, à constatação da existência do espírito. Na sua meditação, Ferreira França dará especial ênfase ao tema da vontade, a qual é concebida como o elemento capitalizador dos diversos poderes de que está dotado o homem, cabendo-lhe a função primordial de constituí-lo como pessoa.¹¹³

Contemporâneo a Ferreira França temos Domingos José Gonçalves de Magalhães (1808-1882), o Visconde do Araguaia. Nascido na cidade de Niterói, Rio de Janeiro, formou-se em medicina pela Universidade de Coimbra, foi professor do

112CARVALHO. *Curso de introdução a filosofia brasileira*, p. 42.

113VÉLEZ RODRIGUEZ. *A Filosofia brasileira, marco epistemológico para a gestão do conhecimento*, p. 5-6.

Colégio Pedro II, logo em seguida abandonando o magistério pela carreira diplomática. Na literatura seu nome é reconhecido como aquele da início ao romantismo brasileiro com o lançamento da revista *Niterói*, na qual foi publicado o *Ensaio sobre a história da literatura brasileira*, considerado primeiro manifesto do romantismo no Brasil e com sua obra poética *Suspiros poéticos e saudades* (Paris, 1836). Também nesse Gonçalves de Magalhães encontramos o espiritualismo da obra filosófica, vejamos um pequeno trecho da introdução ao livro *Suspiros poéticos e saudades*: “O poeta sem religião, e sem moral, é como o veneno derramado na fonte, onde morrem quantos aí procuram aplacar a sede Ora, nossa religião, nossa moral é aquela que nos ensinou o Filho de Deus, aquela que civilizou o mundo moderno, aquela que ilumina a Europa, e a América e só este bálsamo sagrado devem verter os cânticos dos poetas brasileiros.”¹¹⁴

Em sua obra filosófica, Gonçalves de Magalhães, deixou-nos os livros *Pensamentos e comentários* (1880), *A alma e o cérebro* (1876) e *Fatos do espírito humano* (1856). “Como filósofo, Magalhães retomou o problema da existência de um vínculo entre o corpo e o espírito de onde o empirismo deixara a questão. Magalhães desenvolveu, por seu turno, suas idéias adotando o espiritualismo de Victor Cousin.”¹¹⁵ Em seu já citado livro, *Fatos do espírito humano*, todavia o pensador brasileiro revisa as idéias de Cousin. Como ressalta José Maurício de Carvalho em seu livro *Curso de introdução a filosofia brasileira*,

Magalhães apontou nova solução para os impasses deixados por Cousin, afirmando que o espírito não está sujeito a modificação pela experiência, podendo pensar livremente. Justifica, assim, a capacidade inata do espírito para conhecer inclusive a deus, mesmo que dele não tivesse experiência. O saber para o espírito é mais que o obtido pela experiência sensível,(...), a sensibilidade pertence ao corpo e não ao espírito.¹¹⁶

Antonio Paim, entretanto, nos alerta que o conceito de saber em Gonçalves

114MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. Lede, in *Suspiros Poéticos e Saudades*. Disponível em <http://www.cce.ufsc.br/~alckmar/literatura/literat.html>. Acessado em 25-02-2007.

115CARVALHO. *Curso de introdução a filosofia brasileira*, p.59-60.

116CARVALHO. *Curso de introdução a filosofia brasileira*, p.58.

de Magalhães não é bem definido, parecendo não incluir a percepção sensível. “Esta seria apenas uma espécie de artifício ou pretexto para que a alma se pusesse em movimento.”¹¹⁷ Notadamente, o pensador brasileiro se fixa muito mais à face psicológica da filosofia de Cousin do que a seu historicismo. Seu interesse é fundamentar a tese de que “a base e o ponto de partida de todas as ciências filosóficas é a psicologia, da qual elas são implicações e aplicações. A psicologia lhes dá o elemento subjetivo e reconhece as condições necessárias e absolutas da razão, objetos da metafísica.”¹¹⁸ Jorge Jaime em sua *História da filosofia no Brasil*, levanta a hipótese de que “quando se lê Gonçalves de Magalhães, filósofo, pode-se perfeitamente colocá-lo como inspirador de Bergson, pois este nasceu quando o brasileiro morria, tendo realçado a *força vital*, o *élan vital* bergsoniano, como ponto culminante de suas idéias.”¹¹⁹ E um pouco mais a frente encontramos a afirmação de que “repelindo o sensualismo de Condillac e o materialismo dos que o endossavam, Gonçalves de Magalhães, abria caminho para os que viriam depois, como Farias Brito ou - por que não? - Bergson e tantos mais que 'certamente' não insultaram qualquer século.”¹²⁰ Ricardo Vélez Rodríguez sintetiza em seu texto *A filosofia brasileira, marco epistemológico para a gestão do conhecimento*, o que, para ele, foi a proposta de de Gonçalves de Magalhães

O problema ao qual respondeu a filosofia do maior pensador romântico do Brasil foi o da construção da idéia de nação. Isso fez com que a obra de Magalhães, como destaca o seu mais importante estudioso, Roque Spencer Maciel de Barros [*A significação educativa do romantismo brasileiro: Gonçalves de Magalhães*], se formulasse no contexto de uma proposta pedagógica. Magalhães baseia a sua visão da liberdade e da moral numa análise filosófica inspirada em Victor Cousin e parcialmente em Malebranche (1638- 1715) e Berkeley (1685-1753); formula uma explicação do homem em termos puramente espiritualistas, que negam qualquer valor substancial ao mundo material, inclusive ao próprio corpo,

117Cf. PAIM. *História das idéias filosóficas no Brasil*, p. 91.

118PAIM. *História das idéias filosóficas no Brasil*, p. 90-1.

119JAIME, Jorge. *História da filosofia no Brasil*, volume I. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Faculdades Salesianas, 1997, p. 150.

120JAIME. *História da filosofia no Brasil* - volume I. p. 151.

já que o universo sensível só existe intelectualmente em Deus, como pensamentos seus. O homem, preso ao corpo, é livre por ser espírito e adquire a conotação de ente moral justamente em virtude dessa "resistência do corpo". A moral de Magalhães, como a de Cousin, é uma moral do dever que valoriza a intenção do autor e não o resultado do ato. A inspiração romântica dessa filosofia aparece na importância conferida por Magalhães ao fator religioso como motor da nacionalidade, bem como no papel desempenhado pela poesia enquanto educadora do povo (ele foi o mais importante representante do romantismo literário no Brasil). Dessa forma, Magalhães desempenha, no contexto brasileiro, um papel semelhante ao representado em Portugal pelo primeiro romântico luso, Alexandre Herculano (1810-1877).¹²¹

Para Antonio Paim a filosofia de Magalhães "refletiria um estado de espírito totalmente novo"¹²² pois não há da parte deste a menor intenção de preservar a tradição escolástica, então vigente no Brasil. Para o Visconde de Araguaia, as ciências representariam um ganho imorredouro da humanidade, clamando junto a esta o direito inalienável de cidadania para o espiritualismo. E o coroamento desta doutrina se dá ao ensejo de um proto-personalismo. Como afirma Paim, "toda a doutrina se coroa por um respeito à pessoa humana que não se encontra na corrente de pensamento precedente."¹²³ Nas palavras do próprio Visconde, "homem é muito superior à pintura que dele fazem sensualistas e materialistas."¹²⁴

CONCLUSÃO

Após estabelecermos a necessidade do estudo das filosofias nacionais para o desenvolvimento da ideia de identidade nacional e sua importância para a sedimentação, em tempos de globalização, da soberania cultural de uma nação, identificamos o método pelo qual se procederia à pesquisa do texto apresentado. Identificamos as fontes às quais alguns dos pensadores brasileiros do século XIX

121 VÉLEZ RODRIGUEZ. *A Filosofia brasileira, marco epistemológico para a gestão do conhecimento*, p. 6.

122 PAIM. *História das ideias filosóficas no Brasil*, p. 91.

123 PAIM. *História das ideias filosóficas no Brasil*, p. 92.

124 *Apud*. PAIM. *História das ideias filosóficas no Brasil*, p. 92.

foram buscar sua inspiração, ou seja, o espiritualismo eclético francês. Principalmente Maine de Biran e Victor Cousin. E neste trajeto chegamos à conclusão que ora se apresenta sobre a importância desta corrente filosófica para o pensamento brasileiro.

A despeito das possíveis críticas realizadas pela corrente que a sucedeu no Brasil, leia-se principalmente a crítica realizada por Sílvio Romero, em seu livro *A filosofia no Brasil*, deve-se lembrar a importância capital do ecletismo espiritualista para a construção da filosofia nacional. Pois esta corrente foi o primeiro movimento filosófico plenamente estruturado no Brasil. Suas idéias funcionaram como catalizadoras da reestruturação e sedimentação da consciência conservadora então em formação. A esta corrente de pensamento, coube, no Brasil, inaugurar, de forma patente, a meditação em torno da idéia de pessoa humana. Também coube a crítica ao sensualismo e o início da reflexão entorno da subjetividade, a despeito da falta de suporte teórico consistente, como afirma Antonio Paim.¹²⁵

A corrente eclética, que se estrutura e se desenvolve ao longo do século XIX, responde basicamente aos dois problemas deixados em branco pelo empirismo mitigado: consciência e a liberdade. A resposta a essas duas questões será de capital importância, em primeiro lugar, para consolidar a idéia de nação -- tarefa que empreende Gonçalves de Magalhães com o seu romantismo de corte pedagógico -- e, em segundo lugar, para dar fundamento firme à prática da representação política, profundamente enraizada numa concepção espiritualista da liberdade humana.”¹²⁶

É nesta corrente, também, que se insere aquele que pode ser considerado o primeiro filósofo genuinamente brasileiro. Embora sem grandes novidades em relação ao pensamento de Victor Cousin, Gonçalves de Magalhães elabora uma crítica espiritualista às lacunas deixadas por seu inspirador francês em sua meditação. Foi Domingos Gonçalves de Magalhães, Visconde de Araguaia, O mais

¹²⁵Cf. PAIM. *História das idéias filosóficas no Brasil*, p. 107.

¹²⁶VÉLEZ RODRIGUEZ. *A Filosofia brasileira, marco epistemológico para a gestão do conhecimento*, p. 23.

importante representante do espiritualismo eclético no Brasil. Pode-se considerar a publicação em 1876 de *A alma e o cérebro* de Gonçalves de Magalhães como última grande manifestação do espiritualismo eclético brasileiro.

BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, Nicola. *História da filosofia*, vol. XI. Lisboa: Presença.
- BARROS, Roque Spencer Maciel de. A significação educativa do romantismo brasileiro: Gonçalves de Magalhães. São Paulo: Grijalbo/Edusp, 1973.
- BAECQUE, Antoine; MÉLONIO, Françoise. *Histoire culturelle de la France - vol. 3 Lumières et liberté - Les dix-huitième et dix-neuvième siècles*. Paris: Seuil, 1998.
- BRÉHIER, Émile. *História da filosofia*, vol. III e IV. São Paulo: Mestre Jou, 1978-1981.
- CARVALHO, José Maurício de. *Curso de introdução a filosofia brasileira*. Londrina: CEFIL: UEL, 2000.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, José Luis. *Bolívia: Um pueblo en busca de su identidad*. La Paz: Los Amigos del Libro, 1988.
- JAIME, Jorge. *História da filosofia no Brasil*, volume I. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Faculdades Salesianas, 1997.
- MACEDO, Ubiratan de. A reabsorção da circunstância em Ortega y Gasset in: anais do II encontro nacional de professores e pesquisadores de filosofia brasileira. Londrina, 1991 II, vol. Pág.57.
- PAIM, Antonio. *História das idéias filosóficas no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1967.
- _____. "Possibilidades e limites de uma filosofia latino americana". *La Filosofia em América*, tomo I, Caracas, Julho de 1979. [trabalho apresentado no 9º congresso internacional de filosofia.]
- TONDINELLI, Tiago. "A questão jurídica no pensamento de Leonardo Prota". *Disputationes*, v2, n2. Apucarana: FACNOPAR, 2005, p.401-412.
- VELÉZ RODRÍGUEZ, Ricardo, *Tópicos especiais de filosofia moderna*. Juiz de Fora: EDUJFJ; Londrina: UEL, 1995.